

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V. 11, N. 2, jul./dez. 2011



as. 72488 Clas. PER  
arquivo & Administração  
.11 n.2  
jul./dez.2011

## O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB, fundada em 20 de outubro de 1971 com a finalidade de dignificar socialmente a profissão, é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos - CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos - ALA.

## Principais Objetivos


- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacionar com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos e mesas redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

## Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congresso, seminários, cursos e palestras;
- Cursos in company específicos para atender às necessidades das empresas.

## Quadro Associativo

Podem ser admitidos como sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.

 **Associação dos  
Arquivistas  
Brasileiros**

aab@aab.org.br  
Av. Presidente Vargas, 1733 - sala 903  
CEP: 20210-030 - Centro - Rio de Janeiro  
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

# arquivo & administração

v. 11, n. 2

jul./dez. 2011

## SUMÁRIO

EDITORIAL	3	Maria Celina Soares de Mello e Silva
ARTIGOS	5	<b>Deixando o cofre e participando da festa: usando as mídias sociais para compartilhar as coleções arquivísticas</b> Kate Theimer
	17	<b>Documentos e arquivos de Arquitetura: valores, especificidades e desafios</b> João Vieira
	29	<b>Arquivística e documentos fotográficos: origens de uma relação</b> Aline Lopes de Lacerda

Arq. & Adm.	Rio de Janeiro	v. 11	n. 2	p. 1-54	jul./dez. 2011
-------------	----------------	-------	------	---------	----------------

Copyright © 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Editoração eletrônica: Luiz Eugenio Teixeira Leite

#### Catlogação na publicação (CIP)

Arquivo & Administração/Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n. 0 (1972)-

Rio de Janeiro: AAB, 1972-

v. : 23 cm.  
Semestral

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

ISSN 0100-2244

1. Arquivo - Periódico. 2. Gestão de documentos - Periódico. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS  
Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

#### Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira  
Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira  
Tesoureiro: Maria Celina Soares de Mello e Silva

#### Conselho Editorial

Lucia Maria Velloso de Oliveira  
José Maria Jardim  
Maria Celina Soares de Mello e Silva  
Paulo Roberto Elian dos Santos  
Sérgio Conde Albite Silva

#### EDITORIAL

A AAB lança mais um volume da revista Arquivo & Administração visando dar acesso a novos textos significativos para a Arquivologia brasileira, mantendo a tradição e a regularidade de suas edições.

No segundo número de 2011, a revista apresenta três artigos que permitem a reflexão sobre temas instigantes para a área arquivística. Seguindo a linha editorial de traduzir textos que discutem questões relevantes no cenário internacional, o primeiro artigo é de Kate Theimer, originalmente preparado para apresentação no XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado em Santos em 2010. O texto, traduzido por Lucia Maria Velloso de Oliveira, arquivista da Fundação Casa de Rui Barbosa, trata da importância das mídias sociais para o relacionamento dos arquivos com o seu público. A autora é especialista no tema e criadora do blog popular *ArchivesNext*. A tradutora optou por não traduzir alguns termos, explicando-os em nota de rodapé.

O segundo artigo é de João Vieira, do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana de Portugal, originalmente preparado para o "Seminário Acervos de Arquitetura e Urbanismo: perspectivas e usos", realizado em 2011 pela Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. O autor disserta sobre os desafios da gestão dos documentos e arquivos de arquitetura, como um território de cruzamento de múltiplas e complexas atividades técnicas, artísticas, políticas e administrativas. O texto é apresentado em sua versão original, escrito em português de Portugal.

O terceiro artigo é fruto de capítulo da tese de doutorado de Aline Lopes de Lacerda, com o título *A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil*. A autora discute a fotografia como documento de arquivos, realizando um vasto levantamento nos grandes manuais de Arquivologia a partir do Século XIX.

A AAB espera, com esses artigos, contribuir para a implementação da bibliografia brasileira, com textos que trazem questões importantes para o debate.

Maria Celina Soares de Mello e Silva  
Membro do Conselho Editorial da AAB

## DEIXANDO O COFRE E PARTICIPANDO DA FESTA: USANDO AS MÍDIAS SOCIAIS PARA COMPARTILHAR AS COLEÇÕES ARQUIVÍSTICAS<sup>1</sup>

Kate Theimer

Arquivista, criadora do ArhivesNext

### RESUMO

*A popularidade e onipresença das ferramentas das mídias sociais tornaram-nas impossíveis de serem ignoradas pelos arquivos. Entretanto, mais do que percebidas como meios necessários para se chegar ao usuário, as mídias sociais podem levar os arquivos a evoluir para uma nova fase em seu relacionamento com o seu público. Estamos assistindo hoje ao que acreditamos ser o início de um grande movimento em direção ao que se poderia chamar de "arquivos participativos".*

**Palavras-Chave:** Arquivos. Web 2.0. Usos e usuários. Arquivos participativos.

### ABSTRACT

*The near-ubiquity and enormous popularity of social media tools have made them virtually impossible for most archives to ignore. However, rather than being perceived as a necessary means of reaching users, social media may drive archives to evolve into a new phase of our relationships with our audiences. We are now seeing what I think is the beginning of a larger movement toward what we might call "participatory archives."*

**Keywords:** Archives. Web 2.0. Uses and users. Participatory Archives.

O termo "mídia social" tem sido definido como "um grupo de aplicações baseadas na internet que balizam ideologicamente e tecnologicamente a web 2.0 e que permite a criação e troca de conteúdos produzidos pelos usuários"<sup>2</sup>. Sítios populares como Flickr, YouTube, Facebook, Wikipedia and Twitter são os mais conhecidos exemplos de ferramentas de mídia social, mas o termo também engloba *blogs*, *podcasts* e *wikis* criados por indivíduos e organizações. Alguns sítios de mídia social, como o

1 Tradução do texto "Leaving the Vault and Joining the Party: Using Social Media to Share Archival Collections", originalmente preparado para apresentação no XVI Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado em Santos em 2010. Tradução de Lucia Maria Velloso de Oliveira.

2 Andreas M. Kaplan e Michael Haentein, "Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media," *Business Horizons* 53 (1) 2010: 59-68. Citado "Social media" Wikipedia <[http://en.wikipedia.org/wiki/Social\\_media](http://en.wikipedia.org/wiki/Social_media)>. Acesso em: 03 ago. 2010.

Facebook e Twitter (e outros, como MySpace, Ning e LinkedIn) podem também ser classificados como sítios de “rede sociais”, na medida em que o seu foco principal é a construção de relacionamentos entre pessoas, e entre pessoas e organizações. De fato, muitos sítios *web* classificados na categoria de mídia social incorporam algumas funcionalidades de algumas redes sociais – como classificação, ordenação, comentários e mensagens – e formam relacionamentos entre usuários, embora o primeiro objetivo seja o de compartilhar imagens, vídeos ou conteúdos.

O surgimento da mídia social e da rede social transformou a forma como as pessoas esperam acessar e interagir com a informação na *web*. Enquanto inicialmente muitos arquivos relutaram em comprometer recursos para esses tipos de saídas “frívolas” ou “passageiras”, a penetração social de sítios como YouTube, Flickr, Twitter, Wikipedia e Facebook e o uso dessas ferramentas por instituições como a *Library of Congress* (EUA) e o *National Archives* (UK) resultaram em uma corrida dos arquivos para participar das mídias sociais.<sup>3</sup> E como as mais recentes estatísticas mostram que as redes sociais constituem a atividade na internet mais popular entre os usuários dos Estados Unidos, certamente os arquivos e outras instituições culturais continuarão a investir seus recursos na construção de sua rede social.<sup>4</sup>

Como a questão sobre os arquivos mudou do se eles devem começar a utilizar as ferramentas da *web 2.0* para a questão de qual o melhor uso para elas, parece que o quadro passou a refletir quais modelos podemos desenhar a partir do mundo dos arquivos que mais recentemente “adotaram” as mídias sociais.

O *blog*, considerado uma das primeiras e mais ubíquas ferramentas das mídias sociais, foi amplamente adotado pelos arquivos e pelas instituições históricas. Seu software é simples e flexível de usar, e oferece opções confiáveis de criação de *blogs* para hospedagem gratuita em sítios como Blogger.com e Wordpress.com. Embora *blogs* sejam abertos para um número enorme de usos, o uso mais básico e comum é a publicação de informação geral sobre arquivos – como mudança de horários, aquisição de coleções, abertura de arquivos para pesquisa, e anúncios de programas públicos. Muitos arquivos têm adotado o *blogging* como parte integral de seus programas de *outreach*.<sup>5</sup> Como, por exemplo, no blog do *Historical Notes from OHSU* (<http://ohsu-hca.blogspot.com>), os arquivos relativamente desconhecidos da *Oregon Health & Science University* encontraram uma maior audiência. A arquivista Sara Piasecki escreveu:

Os resultados são melhores do que havia imaginado quando criei o *blog*. Patrocinadores a quem nós jamais teríamos

3 Para uma lista de arquivos que usam ferramentas Web 2.0, veja o wiki Archives 2.0 em <<http://archives2point0.wetpaint.com>>.

4 De acordo com estatísticas da empresa Nielson, usuários americanos gastam 22.7% de seu tempo online em sítios de redes sociais; a segunda atividade mais popular é a de games online, respondendo por 10.2%. Veja Adam Ostrow, “Social Networking Dominates Our Time Spent Online,” Mashable.com, 2 de agosto de 2010. <<http://mashable.com/2010/08/02/stats-time-spent-online/>>. (Acesso em: 3 ago. 2010).

5 Nota do tradutor: entende-se como iniciativas que visam dar maior visibilidade aos acervos e às instituições, as que promovem a formação de parcerias, aumento de patrocínio, ampliação de número de usuários e de usos dos acervos etc.

acesso tropeçam conosco nas buscas *web*. Usuários de toda forma de comunidade (historiadores, bibliotecário, arquivista, trabalhadores de saúde, genealogistas) entraram em contato conosco devido a algo que viram em alguma postagem que fiz. Recebemos doações de materiais de longe, como Nova York e Arizona. O conhecimento sobre nossas coleções e serviços na comunidade OHSU cresceram exponencialmente, e embora isso tenha vindo combinado com outros esforços de *outreach*, o *blog* é definitivamente parte disso. Outro aspecto maravilhoso do *blogging* é sua habilidade de alcançar expertises que não se encontram à mão: quando nós publicamos algo sobre alguns LPs russos misteriosos que recebemos, dois usuários responderam rapidamente com traduções do texto da capa.<sup>6</sup>

Os arquivos estão também usando os *blogs* para expor algumas de suas coleções “escondidas” ou não catalogadas. Muitos implementaram *blogs* que discutiam o processamento de uma única coleção, como “*Processing the Chew Family Papers*,” da *Historical Society of Pennsylvania* (<http://chewpapers.blogspot.com>) e “*A View to Hugh*” ([www.lib.unc.edu/blogs/morton](http://www.lib.unc.edu/blogs/morton)), um *blog* sobre o processamento das fotografias do proeminente fotógrafo da Carolina do Norte, Hugh Morton. “O processamento de *blogs*” fornece um fórum de educação para o público sobre o que é necessário para preparar o material arquivístico para uso pelo pesquisador e informações sobre coleções logo em seguida às descobertas dos pesquisadores, utilizando ferramentas como *Google*. Também fornece, ao mesmo tempo, uma possibilidade de diálogo entre os interessados por meio da função de comentário dos *blogs*. Da mesma forma, *blogs* podem ser usados para discutir o processo de reunião de mostras de arquivos (<http://atkinslibraryspecialcollections.wordpress.com>) ou passar uma coleção de um sítio para outro (*A Moveable Archives*, *Drexel University*, <http://amovablearchives.blogspot.com/2009/01/whats-this-all-about.html>).

O software de *blog* pode ser utilizado mais diretamente para partilhar coleções criando catálogos simples *online* (ou *catablogs*), sendo o primeiro e mais proeminente de todos o *UMarmotBlogging*, criado pela *University of Massachusetts, Amherst* ([www.library.umass.edu/spcoll/umarmot](http://www.library.umass.edu/spcoll/umarmot)). *Catablogs* permitem aos arquivos publicar quanta informação desejarem sobre suas coleções. E essas informações podem ser complementadas com *hyperlinks* e associadas a um texto digital, imagem, arquivos em áudio e vídeos; e podem, é claro, ser facilmente atualizadas.

Muitos colecionadores privados, assim como os arquivos, têm tido sucesso publicando em bases de dados - via *blogs* - conteúdos, como diários e cartas. Dessa forma, permitem que o público se registre junto ao RSS e siga a história. Por exemplo,

6 Kate Theimer, *Web 2.0 Tool and Strategies for Archives and Local History Collections*. (New York: Neal-Schuman, Inc. 2009), 39-40.

você pode agora seguir a “*Scott's Last Expedition*” tanto no Twitter (@scottslastexp) quanto no *blog* (www.spri.cam.ac.uk/museum/diaries/scottslastexpedition). Patrocinado pelo *Scott Polar Research Institute*, tanto os *tweets* e postagens em *blogs* compartilham entradas exatamente como foram feitas há 99 anos, escritas no diário do Capitão Robert Falcon Scott durante a Expedição Britânica na Antártica em 1910-12 (sua última e fatal expedição).

Arquivos como pessoas, organizações e negócios de qualquer lugar bandearam-se para o site, *microblogging*. *Microblogging* é o que parece: *blogging*, em escala reduzida. No caso do Twitter, usuários publicam atualizações limitadas a 140 caracteres por vez. As limitações do Twitter, entretanto, são os seus pontos fortes, pois permitem que arquivos dividam e interajam com seus seguidores rapidamente e de forma eficaz. O *Nova Scotia Archives* (@NS\_Archives) usa o Twitter para divulgar informações sobre suas atividades e interagir com outras organizações culturais regionais, assim como para interagir com seus mais de 2.700 seguidores. Os arquivos estão utilizando o Twitter para publicação de extratos de diários e cartas de seus acervos, como o da expedição escocesa citada acima ou a conta de John Quincy Adams (@JQAdams\_MHS), da *Massachusetts Historical Society*, que compartilha um diário com entradas diárias, começando com sua viagem à Rússia. O *National Archives of the Netherlands* criou uma conta de Twitter inovadora, escrita pelo ponto de vista do “Schaghenletter” (@Schaghenletter), uma carta do século XVII sobre a aquisição de Manhattan, que viajou para Nova York em 2009 para uma exposição. Os *tweets* da carta compartilham informações de uma forma bem charmosa e espirituosa.

Talvez porque sejam necessários maior conhecimento tecnológico e melhor infraestrutura, os arquivos foram mais lentos para começar o *podcasting*. Um dos principais *podcasters* entre os arquivos é o *National Archives of the United Kingdom*, que produz uma bem sucedida série capturando um grande número de programas públicos e palestras patrocinadas pelos arquivos (www.nationalarchives.gov.uk/rss/podcasts.xml)<sup>7</sup>. Usar o *podcasting* é um meio ideal para aumentar os benefícios das séries que eles já promovem. O produtor do *podcast* escreveu “enquanto 20-100 das pessoas assistem às palestras e aos eventos no *The National Archives* em Kew, mais de 5.000 baixam cada uma das palestras.”<sup>8</sup> *Postcasting* é também uma maneira ideal de disseminar material digital em áudio e vídeo pertencente aos arquivos. O *State Archives of Florida* utiliza *podcasting* para tornar acessíveis documentos maravilhosos do seu acervo de folclore, incluindo apresentações musicais não disponíveis em outra fonte (www.floridamemory.com/collections/folklife/sound\_pod.cfm). A *Los Alamos Historical Society* construiu um surpreendente *podcast* com extratos de história oral que retratam o material sobre as experiências pessoais de participantes do Projeto Manhattan (www.losalamoshistory.org/pods.htm).

7 Nota do tradutor: entende-se *podcast* como o processo de transmissão (por exemplo, de uma palestra) feito em partes pequenas e que pode ser facilmente baixado em dispositivos móveis como telefones celulares ou iPods.

8 Theimer, 62.

Dentre as ferramentas da *web* 2.0 de hoje, talvez não haja melhor exemplo do potencial que a *web* tem no compartilhamento de arquivos do que o Flickr. O Flickr permite carregar imagens digitais (ou vídeos curtos) e compartilhá-los entre as pessoas no mundo todo. Os arquivos permitem que usuários adicionem classificação, notas e comentários nas imagens, assim como permite que sejam postados em blogs e adicionados às galerias do próprio Flickr ou aos conjuntos de imagens. Enquanto muitos arquivos desenvolveram capacidades internas de postar imagens digitais em seus websites, essas imagens não são tão acessadas pelo público em geral e, além disso, poucos sistemas possuem as funcionalidades das mídias sociais. Ao compartilhar as imagens no Flickr, os arquivos seguem a estratégia de “ir onde os usuários estão”, alcançando, em geral, um grande sucesso. Em janeiro de 2008, a Library of Congress disponibilizou duas coleções (com o total de 4.615 imagens) no Flickr, chamando essas inserções de “piloto”. Em janeiro de 2010, eles compartilharam o seguinte resultado em seu *blog*:

Até hoje tivemos mais de 23 milhões de acessos às imagens e mais de 27.000 membros da comunidade do Flickr nos contataram. Em dois anos, nós disponibilizamos mais de 8.000 imagens de duas coleções (fotografias históricas e jornais históricos) divididos em 11 grupos de diversos tópicos – baseball, direito da mulher e Abraham Lincoln, para nomear alguns. Mais de mil registros do catálogo *online* da Impressos e Fotografias foram enriquecidos com as informações da comunidade Flickr. Informações mais acuradas e detalhadas foram inseridas nos catálogos, com *links* para histórias interessantes e tornaram as imagens mais fáceis de encontrar, bem como as tornaram mais atraentes. A interação com nossas fotografias são bastante variadas, passando do prático (correção de texto e de datas) para o imaginativo. E continuam chegando informações.

Bem a tempo de seu aniversário tem mais um lote da *Library of Congress* no Flickr, com o título “Grandes comentários, obrigado!”, apontando para imagens que produziram um número variado de comentários interessantes.”

O crescimento do número de coleções expostas em repositórios menores ou mais isolados, e compartilhadas pelo Flickr, proporcionou um grande benefício para as instituições culturais com custo mínimo. Por exemplo, o *Deseronto Archives*, localizado em uma cidade pequena do leste de Ontario, funciona para o público apenas um dia na semana. Mas, desde que suas imagens foram colocadas no Flickr (<http://www.flickr.com/photos/deserontoarchives/>), recebeu mais de 60.000 visitas online desde janeiro de 2008.<sup>10</sup>

9 Jennifer Gavin, “Library’s Flickr Site Celebrates the Taggable Twos,” *blog* da Library of Congress, 15 de janeiro de 2010 <<http://blogs.loc.gov/loc/2010/01/library%E2%80%99s-flickr-site-celebrates-the-taggable-twos>>. Acesso em: ago. 2010.

10 Documentado em um *tweet* pela arquivista do acervo, Amanda Hill (@mandahill) em 3 de agosto de 2010 às 12:10h.

O popular sítio de divulgação de vídeos, o *YouTube*, funciona mais ou menos da mesma forma que o *Flickr*. Como o *Flickr*, o *YouTube* oferece ao usuário a possibilidade de interagir e compartilhar vídeos; por exemplo, comentando os mesmos, adicionando-os às listas de mais acessados, classificando-os e colocando respostas em vídeos. Enquanto a maioria dos arquivos usa o *Flickr* para compartilhar as imagens de suas coleções, o *YouTube* oferece uma plataforma para usos diversos. Por exemplo, o *Purdue University Archives* produziu vídeos descrevendo itens de seu acervo e dando exemplos de como datar fotografias históricas ([www.youtube.com/user/PUarchives](http://www.youtube.com/user/PUarchives)). Num esforço de mostrar aos usuários o seu trabalho, o *National Archives* do Reino Unido produziu uma série de vídeos explicando tópicos como “A vida de um documento”, “Preparando para a pesquisa”, “Usando um catálogo”, “Como os arquivos são arranjados” e “Ordenando documentos” ([www.youtube.com/user/NationalArchives08](http://www.youtube.com/user/NationalArchives08)). Outros arquivos como o *State Records Office for New South Wales* e o *University of Manitoba Archives* produziram vídeos com animação de slides com fotografias, música e explicações em áudio. É claro que um grande número de arquivos estão usando *YouTube* para disseminar conteúdos digitais – incluindo o *National Archives and Records Administration* (EUA) ([www.youtube.com/user/usnationalarchives](http://www.youtube.com/user/usnationalarchives)) e a *National Library of Scotland* ([www.youtube.com/user/NLofScotland](http://www.youtube.com/user/NLofScotland)).

Muitos dos sítios de web 2.0 ou suas aplicações incorporam configurações de redes de trabalho - como classificação, comentários, envio de mensagens, criação de grupos, favoritos, compartilhamento de conteúdos, etc. Mas sítios como *Facebook*, *MySpace* e *Ning* existem meramente para permitir um espaço para a criação de redes sociais. *Facebook* surgiu como um grande sítio de relacionamento social, atraindo milhões de usuários de diferentes faixas etárias. No seu início, o *Facebook* foi utilizado por indivíduos, incluindo arquivistas, para criar redes informais, dividir informações e utilizar grupos formais de redes sociais. Entretanto, com seu crescimento, o *Facebook* adicionou outras funcionalidades para organizações, como arquivos para compartilhamento de informações por meio da criação de “páginas”. Essas páginas permitem a atualização de arquivos fora da sua rede de seguidores, assim como publicar *links*, vídeos e figuras, além de hospedar discussões. O *Facebook* também permite um fácil compartilhamento de conteúdo publicado em outros sites da web 2.0, como *Twitter*, *YouTube* e *Flickr*, significando que uma página de uma organização no *Facebook* pode tornar-se um ponto virtual de compartilhamento de conteúdo de muitos sítios. Com o conteúdo do *Facebook* agora visível para membros e não membros, e passível de busca pelo *Google*, a página do *Facebook* tornou-se uma das estratégias de redes sociais mais vitais para os arquivos.

O arquivo da Coca-Cola utiliza sua página do *Facebook* para compartilhar novas publicações em *blogs*, assim como para postar vídeos e imagens de bastidores ([www.facebook.com/CokeArchives](http://www.facebook.com/CokeArchives)). A *Bancroft Library* (a primeira biblioteca com coleções especiais na *University of California, Berkeley*) publica “o objeto digital do dia” em seu mural no *Facebook* ([www.facebook.com/pages/Berkeley-CA/The-Bancroft-Library](http://www.facebook.com/pages/Berkeley-CA/The-Bancroft-Library)). O *Alabama Department of Archives & History* tem 900 fãs em sua página do *Facebook* e faz frequentes publicações em seu mural, assim como disponibiliza álbuns de imagens e permite que seus seguidores também publiquem grande número de imagens ([www.facebook.com/pages/Montgomery-AL/Alabama-Department-of-Archives-and-History/129258533071](http://www.facebook.com/pages/Montgomery-AL/Alabama-Department-of-Archives-and-History/129258533071)).

Devido à popularidade da *Wikipedia*, muitos que usam a web estão de alguma forma habituados com o mundo *wiki*. O software *Wiki* permite a construção e edição colaborativa de *websites*, assim como preserva os arquivos modificados ao longo do tempo. Entretanto, talvez devido à necessidade de superação de obstáculos para executar a edição e contribuir para um *wiki*, os arquivos têm sido lentos para abraçá-los, mais do que foram para publicar em *blogs*, no *Flickr*, *Twitter* ou *Facebook*. Uma notável exceção é o *wiki* “*Your Archives*” abrigado pelo *National Archives* (Reino Unido) (<http://yourarchives.nationalarchives.gov.uk>). Este sítio foi criado pela equipe do arquivo com contribuições da equipe e do público, e visa fornecer um fórum (fora do ambiente formal de catálogos de coleções) para a disseminação de informações sobre temas históricos pertinentes às coleções. Várias faculdades e universidades nos Estados Unidos, como a *College of William and Mary* ([http://srcr.swem.wm.edu/wiki/index.php/Main\\_Page](http://srcr.swem.wm.edu/wiki/index.php/Main_Page)) e a *University of Massachusetts, Amherst* ([www.library.umass.edu/spcoll/youmass/doku.php](http://www.library.umass.edu/spcoll/youmass/doku.php)) criaram *wikis* para capturar informações mais usadas e mais requisitadas *online*, de forma fácil, acessível e passível de atualização, também *online*. *Wikis* são igualmente utilizados internamente pelos funcionários dos arquivos para dividir informações administrativas e obter informações sobre projetos em andamento. Um exemplo inovador de *wiki* é o do *Archival Service Center* da *University of Pittsburgh*, que usou um *wiki* para coletar e compartilhar informações no processamento de uma série documental intrigante - a Arquivos de Casos da Medicina Legal de *Allegheny County* (<http://coronercasefile.pbworks.com>), mas também disponibilizou o *wiki* para o público, permitindo a inclusão de informações detalhadas sobre os materiais adicionais ao instrumento de pesquisa do arquivo.

Embora essas ferramentas de mídia social sejam atualmente as mais populares dentre os arquivos na web, elas não são as únicas disponíveis. Por exemplo, existem outros sítios de redes sociais (como o *LinkedIn* e o *MySpace*) e existem outras formas de oportunidades *online*, como o mundo virtual: o *Second Life*. Entretanto, *blogs*, *Twitter*, *podcasting*, *Flickr*, *YouTube*, *Facebook*, e *wikis* são de longe as mais usadas e as que aparentemente continuarão a ser no futuro.

A onipresença e grande popularidade das ferramentas de mídias sociais tornaram-nas impossíveis de serem ignoradas pelos arquivos. Entretanto, mais do que serem percebidas como uma forma de alcançar os usuários, as mídias sociais estão levando os arquivos a melhorar o seu relacionamento com o seu público. Estamos vendo agora, o que eu entendo como o início de um grande movimento em direção ao que poderemos chamar de “arquivos participativos”.

Nossos colegas de áreas afins já iniciaram a discussão sobre a “biblioteca participativa” e o “museu participativo”, mas referências ao “arquivo participativo” são poucas.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Veja por exemplo, Michael E. Casey e Laura C. Savastinuk, *Library 2.0: A Guide to Participatory Library Service* (New York: Information Today, Inc. 2007), e Nina Simon, *The Participatory Museum* (Museum 2.0: 2010) disponível em <<http://www.participatorymuseum.org>>. A única referência relevante que encontrei sobre “arquivos participativos” foi em Isto Huvila, “Participatory archive: towards decentralised curation, radical user orientation, and broader contextualization of records management,” *Archival Science* 8 (2008):15-36.

Todos esses usos levam ao conceito de “cultura participativa”, que foi definida em 2005 como:

A cultura com poucas barreiras para a expressão artística e engajamento cívico, com grande apoio para a criação e compartilhamento das obras, e algum tipo de liderança intelectual informal de modo que as principais experiências são passadas para os mais novos. Uma cultura participativa é também algo em que as pessoas acreditam que suas contribuições importam, e sentem uma certa conexão social entre si (ao menos elas se preocupam sobre o que os outros pensam sobre suas obras).<sup>12</sup>

Em seu livro, *The Participatory Museum*, Nina Simon explica o conceito da cultura participativa dentro do contexto museológico:

Ser bem sucedido em um modelo participativo significa encontrar meios de desenhar plataformas participativas de forma que os conteúdos que os amadores criam e compartilham sejam comunicados e exibidos de maneira atrativa. Isto é fundamental. Além de produzir conteúdos consistentes, as instituições participativas devem produzir oportunidades para os visitantes compartilharem seus conteúdos significativamente e de modo interessante. Apoiar a participação significa confiar nas habilidades dos visitantes como produtores, remixadores, e redistribuidores de conteúdos. Significa estar aberto à possibilidade de um projeto crescer e mudar, apesar de ter sido lançado dentro do conceito inicial da instituição. Projetos participativos constroem relações mais fluidas e equilibradas entre os membros da equipe, visitantes, comunidades e interessados. Abrem novas formas para que diferentes pessoas possam se expressar e se engajar numa prática institucional.<sup>13</sup>

Para reiterar, acredito que estamos assistindo os estágios iniciais, o “engatinhar” em direção ao desenvolvimento de um arquivo participativo em sua totalidade. Mas o engatinhar está sendo apoiado e incentivado em função do sucesso das mídias sociais como ferramenta essencial dos arquivos modernos. Os atuais usos das mídias sociais estão sedimentando o surgimento dos arquivos participativos e

12 Henry Jenkins, Ravi Puroshotma, Katherine Clinton, Margaret Weigel, e Alice J. Robison, *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century* (New York: The MacArthur Foundation, 2005) <<http://www.newmedialiteracies.org/files/working/NMLWhitePaper.pdf>>. (Acesso em: 7 ago. 2010).

13 Simon, “Chapter 1: Principles of Participation” <<http://www.participatorymuseum.org/chapter1/>>. (Acesso em: 7 de ago. 2010).

dando aos arquivos e aos arquivistas a oportunidade de se acostumarem com novas formas de interatividade com o seu público.

Claramente a qualidade essencial do arquivo participativo é a interatividade – a oportunidade de convidar os usuários a interagir diretamente com os materiais arquivísticos, com os arquivistas e entre si. Antes da *web* – e da *Web 2.0* em particular – tal comunicação e acesso eram limitados quase que exclusivamente aos mecanismos formais: O material arquivístico era acessado por meio das salas de consulta ou por microfimes. Respostas ou descobertas sobre os materiais ficavam sob o domínio exclusivo do arquivista ou eram partilhadas na comunidade acadêmica por meio das publicações. Visitas aos depósitos (ou telefonemas) eram oportunidades excepcionais para uma maior interatividade em tempo real entre os visitantes e arquivistas, e eram limitadas aos historiadores, seus familiares ou pesquisadores individualmente.

Um aspecto claro sobre a interatividade que a *web 2.0* trouxe para os arquivos é a oportunidade de disponibilizar imagens de documentos nos sites *Flickr* e *YouTube*. Esses sites permitem a antítese do cenário *pré-web*. Qualquer um com acesso à internet pode agora ter acesso a esses materiais a qualquer momento – sem a necessidade de agendamento. *Podcasting* de material digitalizado – como material de história oral disponibilizados pela *Historical Society of Los Alamos* – permite que os usuários levem essas experiências com eles em um mp3 para qualquer lugar que vão. Alguns arquivos estão tomando o próximo passo natural e criando aplicações para que os materiais sejam reproduzidos em aparelhos móveis (como o popular *iPhone*), dando às pessoas a chance de interagir com as coleções a partir de qualquer lugar. De fato, estudos recentes alertaram que em 2015 as pessoas acessarão mais a *web* por meio de aparelhos móveis do que via microcomputador.<sup>14</sup> Os arquivos se adaptam para essa mudança, o que vai significar criar novas versões de seus *websites* e de suas ferramentas, assim como a capitalização da habilidade dos dispositivos móveis em serem localizadores conscientes.

Como as mídias sociais oferecem um cenário em que os materiais arquivísticos são mais acessíveis na *web*, elas também significam que o próprio arquivista pode ser mais acessível também. A partir do momento em que arquivistas começaram a utilizar mais ferramentas como *blogs*, *Twitter* e *Facebook*, muitos deles abriram a porta virtual de seus escritórios, assim como outros tipos de mídias sociais abriram as portas de suas áreas de guarda. Tornando-se “disponíveis” por meio desses tipos de mídias sociais, eles permitiram aos usuários uma oportunidade de compartilhar suas opiniões ou perguntar coisas ao arquivista sem a utilização de um mecanismo mais formal como se dava antigamente. O *Nova Scotia Archives* usa o *Twitter* – assim como o *Facebook* – de forma exemplar porque criou uma abordagem *online* muito amigável. O *blog* do *U.S. National Archives and Records Administration*, o “*NARAtions*” (<http://blogs.archives.gov/online-public-access>) convida regularmente o usuário a contribuir em como o NARA deve fazer uso das mídias sociais. Para isso, pergunta coisas como: “Estamos pensando em começar uma série de mini-entrevistas

14 Jolie O'Dell, “New Study Shows the Mobile Web Will Rule by 2015,” *Mashable.com*, 13 de abril de 2010, <<http://mashable.com/2010/04/13/mobile-web-stats>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

com arquivistas do NARA previamente selecionados. Quais perguntas devemos fazer?” e “quais ferramentas e processos você sugere que nós usemos para transcrever rapidamente e de modo eficiente as bilhões de páginas manuscritas que o NARA possui?”

O uso desses tipos de ferramentas para aumentar a interatividade entre arquivistas e usuários não é só o resultado do uso de novas tecnologias; é também uma mudança de filosofia e de idéias, que alcançou o patamar da cultura participativa nos arquivos. Sítios como o *Flickr* não só permitem aos arquivistas que publiquem suas coleções – mas também permitem que usuários adicionem notas e comentários e classifiquem as imagens utilizando suas próprias palavras-chave. Abrir as coleções para esse nível de interação com o público é antiético se considerarmos as idéias que arquivistas tinham no passado acerca do controle sobre como essas coleções deveriam ser catalogadas, descritas e acessadas. Sítios como o *wiki* do *National Archives*, o “*Your Archives*” – que existe principalmente como um veículo para solicitar informações e contribuições para o público – tipifica essa mudança em termos da forma como o relacionamento entre arquivos e público é moldado.

Entretanto, não é só o nível de interatividade que é diferente para os arquivos em termos de mídia social – são também as formas de interação. Os tipos de materiais arquivísticos que são divulgados e os lugares onde isso é feito, em muitos casos, direcionam esse material para um público geral e não acadêmico. Publicar diários históricos e cartas é uma forma de endereçar os documentos para pessoas que querem seguir uma narrativa, uma história. No passado, raramente, os arquivos foram contadores de histórias; geralmente os arquivos deixavam para que os outros contassem as histórias encontradas em suas coleções. Esse apelo à necessidade de entretenimento das pessoas, ou de uma conexão emocional, é observado pelas reações à publicação de imagens e vídeos nos sítios de mídias sociais. Esse material distrai, aciona lembranças pessoais e normalmente evoca uma resposta do tipo “uau!”. Hoje em dia, o público geralmente procura os materiais arquivísticos *online* porque precisa estabelecer uma ligação com “o passado”, e não só porque estão à procura de informação histórica específica. Cada vez mais os arquivos estão reconhecendo que esse tipo de interação tem tanto valor para suas instituições quanto as mais tradicionais, como a acadêmica.

Existem outras duas características que estão emergindo a partir do uso das mídias sociais pelos arquivos e que são parte do trabalho de base para o arquivo participativo: flexibilidade e transparência.

Além da reputação de “fechados” e lugares restritos, muitos arquivos (e arquivistas) são normalmente caracterizados como rígidos e inflexíveis. Em muitos casos, injustificadamente, o estereótipo reflete o passado, os arquivistas se apegavam estritamente às idéias sobre o que era apropriado em termos de uso de suas coleções e eram relutantes em explorar novas formas de tornar as coleções mais conhecidas pelo público.

O uso das mídias sociais obrigou que os arquivistas saíssem de seu confinamento. Quando dividem os materiais em sites como *Flickr* e *YouTube*, os arquivistas separam os materiais de seu contexto original e dão a eles uma dimensão de controle sobre como estes podem ser reutilizados e quais comentários e classificações as

pessoas podem adicionar. Deve ser observado que a boa vontade de fazer parte de sites comerciais já é em si uma prova de flexibilidade. Estabelecer uma página de fãs em um site de relacionamentos como o *Facebook* ou iniciar uma conta no *Twitter* pode ter sido visto como algo abaixo do nível de uma proeminente instituição arquivística. E, também, a boa vontade de compartilhar os materiais nas mídias sociais é em si uma maneira de reconhecer que existe uma audiência popular e diversa para os materiais arquivísticos, além do público de historiadores, acadêmicos e genealogistas.

A flexibilidade em compartilhar esses materiais por meio da *web 2.0* e utilizar ferramentas onde as pessoas podem publicar comentários e dividir informações, também demonstra uma nova abertura que encoraja a contribuição de outros; e, em muitos casos, as contribuições não são dos acadêmicos. Essa boa vontade de abrir as coleções e permitir que pessoas com conhecimento específico sobre um assunto – por exemplo, com o conhecimento em uma língua diferente, um local específico, uma cultura local ou familiaridade com um evento histórico – possam compartilhar o seu conhecimento com os outros em um fórum construído dentro da tendência geral da *web 2.0* é claramente um indicio precursor do verdadeiro arquivo participativo.

Processar os *blogs*, que geralmente documentam o contexto e decisões relacionadas ao processamento das coleções, ajuda a alcançar esses objetivos. Eles podem desencadear um diálogo – assim como outros tipos de *blogs* e outras formas de mídias sociais. No entanto, além de ser necessária mais transparência nos processos de tratamento e descrição dos acervos arquivísticos, aumentar essa transparência também pode significar levantar o véu que antes separou os arquivistas do público. Geralmente, parte do significado de preservar a objetividade ou neutralidade do arquivista estava em tentar mantê-lo ou mantê-la o mais invisível possível. Infelizmente, isso resultou em um público – e às vezes mesmo em pesquisadores – que não compreendia o papel do arquivista e o que este fazia. Ferramentas como *blogs*, *podcasts*, e sítios como *Twitter* e *Facebook*, permitem que os arquivistas falem diretamente com o público sobre o que estão fazendo, dividindo a excitação de novas descobertas e aquisições, e os ocasionais horrores do trabalho arquivístico, como inundações e infestação de insetos. Utilizar esses tipos de ferramentas da *web 2.0* dá voz aos arquivistas e os personifica; encoraja a presença não corporativa com humor, entusiasmo ou qualquer tipo de estranheza que o arquivista decida dividir. Comunicar-se dessa maneira não é só uma forma de informar ao público sobre a natureza do trabalho arquivístico; é, também, uma forma de colocar um rosto humano na pessoa que antes apenas existia atrás do cenário.

Um aspecto importante para usar as ferramentas das mídias sociais – *blogs*, *Twitter*, *Facebook*, *Flickr*, *wikis* ou as que ainda vão aparecer – é perguntar ao público por suas contribuições demonstrando que o trabalho de descrição arquivística é interativo. Esse tipo de transparência é demonstrado também em produtos como catálogos, uma abertura no processo de produção da descrição. Mais do que esconder atrás do escudo do anonimato (e por isso presumidamente de expertise e neutralidade), convidar o público a compartilhar o processo de criação da descrição e contribuir para as idéias do programa arquivístico como um todo (como o NARA faz em seu *blog*) é um convite para a colaboração dos usuários. Essas formas de colaboração, entretanto, são informais e não

controláveis, e podem resultar em usuários com grande apreciação pelos arquivos e pela pesquisa. Nesse sentido, a transparência não é só uma responsabilidade profissional (como Rand Jimerson e outros defenderam), mas se constitui como mecanismo de defesa dos arquivos.<sup>15</sup> Ao abrirmos mais e mais os aspectos da prática arquivística para o público para o seu passatempo, educação e participação, os arquivos criam um público com grande compreensão e conexão emocional com a missão arquivística e com o trabalho de construção da cultura participativa.

Essas mudanças não vêm sem riscos, como Joy Palmer assinalou em seu artigo "Archives 2.0: If We Build It, Will They Come?"<sup>16</sup> Palmer discute a possibilidade de usuários não aproveitarem as oportunidades oferecidas pela interatividade que os arquivos estão construindo com as ferramentas da web 2.0, e assinala as espinhosas questões relacionadas com a autoridade arquivística nesse meio. Se os arquivos devem se voltar para as mídias sociais por questões de promoção e interação com os patrocinadores, também pode ser um risco esquecer aqueles sem acesso à internet (principalmente aqueles com internet lenta).

As preocupações com a chamada "exclusão digital" devem ser levadas em conta, especialmente se o material arquivístico pertence a uma comunidade que tradicionalmente não utiliza a web para comunicação ou pesquisa. Outro desafio é que não há ainda um método de preservação dos produtos da mídia social; qualquer arquivo que queira preservar os produtos criados pela web 2.0 não conta um conjunto de ferramentas e de processos que assegurem a preservação. Existem, contudo, opções disponíveis de preservação da maioria dos conteúdos da web 2.0 (embora esses possam não ser ideais sob o ponto de vista arquivístico) e pesquisas nessa área estão em curso tanto por arquivistas quanto por aqueles que têm interesses comerciais na preservação da mídia social.

Mas apesar desses riscos, o crescimento da utilização da mídia social apóia e complementa a atual mudança na carreira do arquivista, que passa do foco na primazia do material e da prática para focar o usuário dos arquivos; e essa mudança traz apenas benefícios para nossa profissão. Pelo menos nos Estados Unidos, durante a maior parte do século XX, o arquivista dedicou grande tempo de sua atenção em definir e implementar normas, e estabelecer o controle intelectual e físico dos acervos. Só muito recentemente a comunidade de pesquisadores e os profissionais como um todo começaram a considerar seriamente quem são os usuários, quem estes poderiam ser, como querem utilizar o material e em que podem contribuir. Essa transformação no arquivo centrado no usuário, combinada com o uso das mídias sociais para a promoção dos arquivos, trabalham em conjunto para tornar a profissão mais aberta e amigável. Na medida em que os arquivistas ganham mais experiência e confiança na construção de ferramentas que são interativas, flexíveis e transparentes, acredito que não tardará para que o arquivo participativo finalmente desponte.

15 Randall J. Jimerson, *Archives Power: Memory Accountability, and Social Justice*. (Chicago: Society of American Archivists, 2009), 309-310.

16 Joy Palmer, "Archives 2.0: If We Build It, Will They Come?" *Ariadne* 60 (julho de 2009), <<http://www.ariadne.ac.uk/issue60/palmer>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

## DOCUMENTOS E ARQUIVOS DE ARQUITECTURA: VALORES, ESPECIFICIDADES E DESAFIOS<sup>17</sup>

João Vieira

Director do Departamento de Informação, Biblioteca e Arquivos  
Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (Portugal)

### RESUMO

Depois de elaborar sobre o objeto específico da prática e do conhecimento arquitetónico considerado nas suas dimensões física e imaterial, sobre a função da Arquitetura enquanto suporte e componente de civilização e cultura e fundamento de identidade social e individual, depois de apresentar a Arquitetura como um território onde entrecruzam diversos intervenientes e se desenvolvem múltiplas e complexas atividades técnicas, artísticas, políticas e administrativas, o autor debruça-se sobre os valores e as especificidades dos documentos e arquivos de Arquitetura e elenca o que considera serem os principais desafios que se colocam na atualidade à gestão deste tipo de recursos de informação e documentação.

**Palavras-chave:** *Arquitetura. Documentos de arquitectura. Arquivos de arquitectura. Gestão de arquivos. Política de informação.*

### ABSTRACT

The author elaborates on the specific object of architectural theory and practice, both on its physical and immaterial dimensions. He then emphasizes the function of Architecture as support and component of civilization and culture, as well as basis of social and individual identification. In addition, he stresses the fact that the architectural field convenes a number of different social players interacting in the framework of multiple and intersecting activities. Finally the author focuses on the values and specificities of architectural records and archives and lists what he considers to be the main challenges architectural documentation and information management faces today.

**Keywords:** *Architecture. Architectural records. Architectural archives. Archival management. Information policy.*

17 Adaptação do texto com o título "O lugar do acervo de arquitectura nas políticas arquivísticas do Conselho Internacional de Arquivos", originalmente apresentado no Seminário "Acervos de arquitectura e urbanismo: perspectivas e usos", organizado pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e realizado no Rio de Janeiro, Hotel Novo Mundo, a 1 de setembro de 2011.